

# COMPORTAMENTO AO PARTO DE VACAS E BEZERROS DE CORTE DE DIFERENTES GENÓTIPOS

Menezes, Leonardo de Melo<sup>1</sup>

## Introdução

Após o nascimento, os bovinos são dependentes das imunoglobulinas colostrais devido às características placentárias que não permitem a passagem de macromoléculas da circulação materna. A criação de bovinos de corte, portanto, depende de uma maior ligação entre vaca e bezerro para a sobrevivência do neonato, pelos mecanismos de passagem colostrais de imunoglobulinas através da amamentação. O sucesso da relação entre vaca e neonato parece depender de como cada um desempenha suas funções. A vaca deve aceitar seu bezerro e facilitar a mamada, enquanto o bezerro deve ser ágil o suficiente para buscar seu primeiro alimento, o colostro. Entretanto, problemas como fatores genéticos e ambientais que envolvem a mãe (Paranhos da Costa e Cromberg, 1998) podem prejudicar ou mesmo impedir a aquisição do colostro. Além destes fatores, os relacionados ao bezerro, como baixo vigor (Illmann e Spinka, 1993), e ao ambiente, como condições climáticas e práticas de manejo desfavoráveis (Goddard *et al.*, 2000 e Toledo, 2001), podem ser decisivas. Neste sentido, o objetivo deste trabalho foi estudar o comportamento ao parto de vacas de corte e seus bezerros de diferentes genótipos.

## Metodologia

Registraram-se dados de comportamento ao parto de 96 vacas e bezerros de corte, entre os anos de 2010 e 2013. As vacas avaliadas foram agrupadas em quatro grupos genéticos: Britânico Puro (19) – vacas Hereford e Aberdeen Angus; Britânico com Heterose (24) – vacas Hereford x Aberdeen Angus; “Cruzadas” (34) - vacas Aberdeen Angus x Nelore e Hereford x Nelore e Britânico x Adaptada (22) – vacas Aberdeen Angus x Caracu e Hereford x Caracu. Registraram-se os seguintes dados: data (mês e ano), grupo genético da fêmea e categoria (primípara ou múltipara) e escore condição corporal (ECC), em escala de 1 a 5. O registro do mês de nascimento permitiu separar em dois grupos de acordo com a data do parto: parição do “cedo” (meses setembro e outubro) e tarde (novembro e dezembro). As variáveis relacionadas ao comportamento ao parto foram as seguintes: latência para o primeiro contato (LCTO) com o bezerro (lamber ou cheirar, registrado em segundos); número de tentativas para levantar (TENT), por parte do bezerro, até que se mantivesse em pé pela primeira vez por um período mínimo de um minuto; latência para manter-se em pé (LATL, em minutos); latência para mamar (LATM, em minutos) e número de vezes que a vaca dificultou a mamada (DIFM) até permitir que a mesma fosse efetuada (através de coices ou manifestações aversivas ao neonato). Registrou-se ainda o sexo do bezerro e aferiu-se o peso ao nascimento (PN, em kg) dentro de um período máximo de 24 horas após o parto. No momento do desmame (entre seis a oito meses pós-

<sup>1</sup> Professor Adjunto Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, campus Sant’Ana do Livramento – [menezes@veterinario.med.br](mailto:menezes@veterinario.med.br)

parto) aferiu-se novamente o peso dos bezerros, realizando-se nesse momento o cálculo de peso ajustado aos 205 dias.

A análise de variância e obtenção de correlações parciais livres dos efeitos do modelo foram obtidas por análise de variância multivariada (MANOVA) através do PROC GLM do SAS (SAS 9.3 – 2010).

### Resultados e Discussão

As variáveis LCTO e DIFM sofreram variação de acordo com o mesmo efeito fixo, o período do parto. Vacas que pariram mais cedo apresentaram maior LCTO e DIFM em relação a vacas que pariram no período definido como “tarde”. Tal variação pode ser explicada pela menor temperatura ambiente no momento do parto, comum nos meses definidos como período “cedo”. A menor temperatura ambiente poderia ocasionar alteração no metabolismo da vaca, o que diminuiria a percepção e tempo de resposta aos eventos subsequentes ao parto. Ao mesmo tempo, o bezerro pode demorar mais tempo para iniciar suas atividades de movimentação e busca pela mãe, o que poderia causar um menor estímulo para que a vaca busque o neonato. Brown (1998) cita que a movimentação do neonato após o parto e suas vocalizações induzem o comportamento materno e podem ser fundamentais para o estabelecimento entre mãe e filho, especialmente em primíparas (EDWARDS, 1983). Não houve diferença na LCTO para as diferentes categorias avaliadas (primíparas ou múltíparas). Fraser e Broom (1997) corroboram com estas afirmações, relatando que o vínculo entre mãe e filho se estabelece no momento em que a vaca reconhece a cria como uma extensão dela própria, e para tanto o bezerro recém-nascido deve estimular a mãe através de vocalizações e movimentos em busca da mesma. No presente estudo, houve maior número de rejeições a primeira mamada (DIFM) no período definido como “cedo” o que reforça a teoria de que a maior latência para o primeiro contato entre mãe e filho pode gerar maiores dificuldades de estabelecimento do vínculo materno-filial. Variáveis comportamentais como latência para levantar e latência para mamar também se correlacionaram positivamente. Houve correlação negativa entre condição corporal e latência para a primeira mamada, demonstrando que a condição nutricional da vaca afeta o comportamento ao parto.

Não houve diferença estatística entre as demais variáveis comportamentais avaliadas, para nenhum dos demais efeitos fixos considerados.

### Conclusão

O comportamento ao parto de vacas e bezerros de corte não é influenciado pelo grupo genético, mas pode sofrer variações de acordo com o ambiente físico e condição corporal da vaca.

Palavras chave: etologia, neonato, relações materno-filiais.

### Referências Bibliográficas

BROWN, R. E. Hormônios e comportamento parental. *In*: Paranhos da Costa MJR, Cromberg VU (Ed.). **Comportamento materno em mamíferos: bases**

<sup>1</sup> Professor Adjunto Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, campus Sant’Ana do Livramento – [menezes@veterinario.med.br](mailto:menezes@veterinario.med.br)

**teóricas e aplicações aos ruminantes domésticos.**São Paulo: Sociedade Brasileira de Etologia, 1998. p.53-100.

EDWARDS, S.A., 1983. The behavior of dairy-cows and their newborn calves in individual or group housing. **Appl. Anim. Ethol.** 10, 191–198.

FRASER A, F.; BROOM, D. M. **Farm animal behaviour and welfare.** Wallingford, UK: CAB International, 1997.

GODDARD, P. J. The behavioural, physiological and immunological responses of lambs from two rearing systems and two genotypes to exposure to humans. **Appl Anim Behav Sci.** 66, p.305-321, 2000.

ILLMANN, G.; SPINKA, M. Maternal behaviour of dairy heifers and suckling of their newborn calves in group housing. **Appl Anim Behav Sci**, v.36, p.91-98, 1993.

PARANHOS DA COSTA, M. J. R.; CROMBERG, V. Relação materno filiais em bovinos de corte nas primeiras horas após o parto In: PARANHOS DA COSTA, M. J.; CROMBERG, V (Eds) **Comportamento materno em mamíferos: bases teóricas e aplicações aos ruminantes domésticos.** Jaboticabal: ETCO/UNESP, 1998, p-17-28.

TOLEDO, L. M. **Relações materno-filiais em bovinos de corte nas primeiras horas após o parto: efeitos ambientais.** 2001. 62f. Dissertação (Mestrado em Zootecnia) - FZEA, USP, Pirassununga, SP, 2001.

<sup>1</sup> Professor Adjunto Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, campus Sant'Ana do Livramento – [menezes@veterinario.med.br](mailto:menezes@veterinario.med.br)